

Orgulho do transexual da fala

Um transexual da língua oral é um indivíduo que passa a usar como fala habitual uma variedade diferente da que costumava utilizar. Na Galiza, temos muitos casos diferentes de transexualidade linguística. A mais comum é talvez a escolhida por muitos galegos que trocam o castelhano pelo castrapo da TVG. Mas existem outros tipos de transexual. Por exemplo, o falante de "galhego de pueblo" que, com muita coragem, começa a incorporar nos seus enunciados palavras como 'avô', 'estrada', 'auto-estrada', etc. Também existem transexuais, quase todos inicialmente falantes do castrapo da TVG, que um dia decidem usar os sufixos '-çom' e '-vel', ou mesmo palavras proibidas como 'portagem' em vez de 'peaxe'. Embora não queira falar agora no assunto, é curioso constatar que, nalgumas seitas da nossa terra, podes usar lusismos como 'auto-estrada' e 'doaçom', mas é pecado se usas 'portagem' e 'construçom'. Por último, existem também aqueles indivíduos que, conscientes da sua pronúncia castelhana, tentam imitar a fonética dos avós ou dos velhotes da vizinhança. Todos estes tipos de transexuais possuem, em geral, uma fala gaga e pouco natural, pois o natural na Galiza é o castrapo nas suas diversas metamorfoses. No entanto, todos eles estão empenhados na mesma tarefa: a procura do Santo Graal, que não é mais do que um galego despojado de castelhanismos. Este artigo é uma homenagem a todos eles.

A maioria dos galegofalantes pertencem a dous grandes grupos. Um deles é composto por indivíduos, sobretudo do âmbito rural, que não foram escolarizados em galego. Este grupo caracteriza-se pelo uso de uma fonética e morfo-sintaxe galegas enquanto que o léxico está povoado de inumeráveis castelhanismos. O segundo grupo, maioritariamente urbano, está formado por aqueles que foram escolarizados em galego ou têm alguma consciência linguística. A fonética e a morfo-sintaxe deste grupo tendem a ser castelhanas enquanto que o léxico é essencialmente galego. Se considerarmos que estes dous grupos reúnem a maioria dos galegofalantes, podemos deduzir que existem mui poucos indivíduos que falem um galego correcto em termos dos três parâmetros acima mencionados. Esta elite de indivíduos, que formaria um terceiro grupo marginal, é pouco representativa a nível social e, portanto, não tem capacidade para servir de modelo. A tendência hoje é mais bem a de considerar como modelo a imitar quer a fala espontânea presente sobretudo no espaço rural (mas cheia de castelhanismos), quer o galego artificioso e de laboratório (embora limpo de castelhanismos lexicais) do mundo urbano mui castelhanizado no que diz respeito da fonética e da morfo-sintaxe. No entanto, nenhuma destas duas variedades deveria ser considerada como modelo a imitar. As duas variedades são dous tipos diferentes de castrapo.

A crúa realidade não é mais do que um puzzle linguístico no que emergem curiosos paradoxos. Um deles é que o "galhego de pueblo" está muito mais perto de certas variedades do castelhano, como por exemplo a fala de Paco Vázquez, o presidente da Câmara da Corunha, do que do galego das elites urbanas. A equação é simples. O "galhego de pueblo" coincide com o castelhano de Paco Vázquez na fonética (galega) e no léxico (castelhano) e diverge na morfo-sintaxe. Pelo contrário, as duas variedades ditas "galegas" não têm nenhuma propriedade em comum. São falas totalmente divergentes. Um outro paradoxo que mostra a nossa esquizofrenia social é o facto de o "galhego de pueblo" partilhar apenas uma característica com o galego da maioria dos nossos altos cargos políticos e administrativos (por exemplo, o galego de Tourinho), sendo essa característica o

uso de léxico maioritariamente castelhano. E dizer, o único que têm em comum estas duas variedades galegas é o facto de possuir uma propriedade castelhana. A lógica matemática de Bertrand Russel, aplicada a nossa realidade linguística, teria de construir os seus teoremas a partir de axiomas do tipo “se A é igual a B, então A não é igual a B”.

Na Galiza não temos, portanto, uma variedade de fala suficientemente representativa que possa ser utilizada como modelo a imitar. Temos, contudo, duas falas que possuem, juntas, quase todas as propriedades que formam o galego. Afim de resgatarmos a nossa língua, devemos tomar consciência da realidade da Galiza de hoje. A realidade é que os indivíduos dos dois grandes grupos sociais falam crioulo, mas todos utilizam algumas propriedades do galego que podem servir de modelo ou padrão para os falantes do outro grupo. Nomeadamente, o galego rural pode servir de padrão fonético e morfo-sintático para os falantes urbanos, enquanto que o galego urbano pode servir de modelo lexical para os falantes do mundo rural. De facto, o galego como língua da Galiza é uma ficção. O galego morreu (não em Portugal nem no Brasil, evidentemente), pois não temos nenhum grupo social representativo que o mantenha vivo. Existem só propriedades e características galegas que emergem das diferentes variedades de castrapo que usamos habitualmente. Cada falante deve assumir esta realidade e colocar-se em disposição de aprender e imitar com humildade os usos galegos que não possui mas que estão presentes nos usos do outro grupo. Se não queremos que nenhum dos castrapos actuais se torne modelo de fala, é preciso passarmos todos por uma fase de aprendizagem e imitação. É dizer, passarmos a ser transexuais linguísticos. O galego da Galiza, se bem quase ninguém o fale, existe ainda em forma de modelo abstracto na mente dos transexuais. Graças a eles e a sua teimosia, e com ajuda do português padrão, talvez no futuro volte a materializar-se como língua materna de muitos galegos.

Eu pertenço ao grupo de falantes do castrapo artificial que se espalha pelas cidades como um andaço. Aliás, sei que vou morrer sem falar galego com naturalidade. Contudo, costumo fazer um esforço por imitar a fonética galega da variedade oral da minha bisbarra. Sou portanto um transexual da fala (e também da escrita embora não queira falar agora disso). Reconheço que é antinatural ser um transexual, mas é talvez a única via para que todos, os de "pueblo" e os de "ciudad", fagamos uma mudança séria nos nossos hábitos de fala de forma a abandonar a nossa natural tendência a usar o castrapo. Como o almodovariano travesti Agrado em "Todo sobre mi madre", deveríamos mostrar, com naturalidade e orgulho, os novos traços físicos resultado da operação de câmbio de sexo, é dizer, deveríamos mostrar sem pudor as novas propriedades linguísticas que vamos adquirindo, mesmo se ao princípio nos parecem artificiais e antinaturais. Vejo na transexualidade activa e consciente o único método para tentarmos recuperar a nossa língua. Era bom, portanto, começar por celebrar nas ruas das nossas cidades e vilas o dia do "Orgulho do Transexual da Fala".

Pablo Gamallo Otero